



R E V I S T A V I S U A I S

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNICAMP

Entre *Building cuts* e
Alterations to a suburban house:
o espaço na produção de
Gordon Matta-Clark e Dan Graham

Fábio Lopes de Souza Santos

Brasil. Professor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo (USPS/São Carlos/SP).

Rafael de Oliveira Sampaio

Brasil. Mestrando do Programa de Pós-Graduação do Instituto de
Arquitetura e Urbanismo da USP/São Carlos/SP.

Rafael Goffinet de Almeida

Brasil. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de
Arquitetura e Urbanismo da USP/São Carlos/SP.

Resumo

A inclusão do espaço como uma questão artística delineou nas trajetórias de Gordon Matta-Clark e Dan Graham um profundo interesse sobre as transformações da arquitetura e da cidade. Este artigo pretende analisar comparativamente algumas de suas propostas enfocando esta problemática para debater a construção dos espaços contemporâneos. Nesta tarefa, alguns referenciais teóricos provindos da arte e da arquitetura iluminarão questões centrais na prática e no pensamento de ambos os campos, sobretudo em relação a como o questionamento físico e discursivo das convenções que regiam o “objeto” e o “espaço” artísticos serviram de base para a crítica destes artistas sobre as convenções de tantos outros espaços constitutivos do cotidiano urbano.

Palavras-chave

Gordon Matta-Clark, Dan Graham, arte contemporânea, arquitetura contemporânea, espacialidades contemporâneas

Abstract

The inclusion of space as an aesthetic issue outlined in the artistic career of Gordon Matta-Clark and Dan Graham a deep interest in the transformations of architecture and the city. This article aims to compare some of their proposals focusing on this issue to discuss the construction of contemporary spaces. In this task, important theoretical references from art and architecture illuminate core issues of both fields practice and thought – especially how the physical and discursive questioning of the conventions that managed the "object" and artistic "space" will base the criticism of these artists about the conventions of many others constituent spaces of urban quotidian.

Keywords

Gordon Matta-Clark, Dan Graham, contemporary art, contemporary architecture, contemporary spatiality

Em direção ao “campo expandido” da arte

Mesmo distintas, as produções de Gordon Matta-Clark e Dan Graham possuem aspectos em comum que, quando confrontadas, reforçam questões centrais em suas respectivas trajetórias. Dentre estas questões, devemos observar primeiramente a relevância que ambos desempenharam no processo de transformação das práticas artísticas a partir da década de 1960. Para Hal Foster, este processo ocorreu coletivamente através da superação das convenções que até então regiam a produção e o pensamento na arte, e que provocou a descoberta de novos suportes, a

modificação de conteúdos e de questões estéticas, além da ampliação da inserção social da arte.

Tanto as pesquisas de Gordon Matta-Clark como as de Dan Graham questionaram – cada qual à sua maneira – o *status* do objeto artístico e do espaço expositivo. Vistas em conjunto, as trajetórias de ambos artistas puseram em questão tanto as relações entre objeto, seu contexto e suas múltiplas formas de constituição (materiais, temporais e discursivas), assim como os processos perceptivos envolvendo objeto, público e o espaço. Muitas dessas questões puderam ser enfocadas a partir da própria relação mantida entre os dois artistas e refletidas com maior destaque nos escritos de Dan Graham discutindo o ideário arquitetônico contido na produção de Matta-Clark.¹

Todos esses questionamentos levam à constituição de um “campo expandido” na arte, ideia originalmente concebida por Rosalind Krauss (1979) e recentemente retrabalhada por Miwon Kwon em seu livro **One Place After Another** (2002). É a partir das perspectivas abertas pelas análises desta última autora que podemos entender o conjunto de propostas de Matta-Clark e Dan Graham sobre os espaços arquitetônicos e urbanos, ou, em outras palavras, sobre as novas formas de inserção e um novo universo de questões que passaram a informar os artistas e suas propostas.

Ao traçar uma espécie de genealogia das principais tendências atuais da arte *site-specific*, Kwon destaca o desenvolvimento de uma prática discursiva entre os artistas. Suas análises retratam como desde a década de 1960 um novo modelo de produção e de inserção artística procurou superar as “limitações das linguagens tradicionais, como a pintura e escultura, tal como seu cenário institucional”, levando a desafios epistemológicos como o de “realocar o significado interno do objeto artístico para as contingências de seu contexto” (KWON, 2002, 168). Desafio que pode ser entendido como um processo de “descentramento” do objeto e também do próprio artista, provocando, dentre as principais consequências, a atenção para o espaço ou o lugar de inserção da obra. A autora salienta que a abordagem sobre o espaço expositivo, alvo imediato destes artistas, não se deu somente em seus aspectos físicos, mas em

seu “disfarce institucional”, isto é, seus mecanismos e sistemas, suas políticas e mesmo as formas de representação pública que, de alguma maneira, estabelecem uma “convenção normativa de exposição a serviço de uma função ideológica” (Kwon, 2002: 169). Em um determinado momento, dimensões distintas como funções econômicas, significados sociais ou efeitos psicológicos vieram à tona não somente em relação ao interior arquitetônico dos museus e galerias de arte, mas também frente a outros espaços e lugares que organizam a vida cotidiana. É neste sentido em que o termo “expansão dual da arte na cultura” sintetiza a ideia do deslocamento promovido pela expansão espacial dos trabalhos para a totalidade urbana.

Buscando uma nova inserção social para a arte, todas estas novas formas de produção artística de que Matta-Clark e Graham se tornaram um dos expoentes podem ser lidas como uma aproximação a movimentos sociais e investigações teóricas emergentes, convertendo-se em um importante palco no qual são encenadas possibilidades de comportamento individual e coletivo, formas inéditas de pensar e de experimentar os espaços existentes na cidade.

A fim de aprofundar as questões observadas por Miwon Kwon, procuraremos reconhecer e discutir as visões lançadas por esses dois artistas sobre o espaço urbano contemporâneo como produto de discursos ideológicos e, portanto, invisíveis a um olhar naturalizado. Para tanto, serão enfocadas três propostas de cada artista que demonstram as contundentes críticas feitas ao pensamento e aos processos de produção dos espaços construídos na cidade: de Matta-Clark, **Bronx Floors** (1972-73), **Splitting** (1974) e **Conical Intersect** (1975) despontam como ressignificações espaciais produzidas através do corte físico e simbólico de edifícios, configurando pesquisas sobre formas, dinâmicas e estruturas operantes na sociedade – como experiências sobre processos de transformação material ou intervenções espaciais como métodos para alterar a percepção sobre contextos e comportamentos urbanos; de Dan Graham, **Homes for America** (1965), **Video Projection Outside Home** (1978-96) e **Alterations to a Suburban House** (1978) investigam as relações entre códigos arquitetônicos e sociais, refletindo sobre como estruturas espaciais constituintes do cotidiano urbano contemporâneo organizam as formas, dinâmicas,

processos e discursos da cidade, além da própria percepção, experiência e comportamento dos indivíduos.

Justapostos, os questionamentos extraídos destes dois conjuntos de trabalhos permitem mirar os espaços, comportamentos e a cultura urbana enquanto construções definidas por dimensões físicas e discursivas. Cabe ressaltar que estas dimensões permaneciam implícitas, quando não totalmente excluídas do pensamento e da prática arquitetônica e urbanística da época.

Bronx Floors (1972-73), Splitting (1974) e Conical Intersect (1975): o espaço interior e seu contexto

Do grupo de trabalhos em que Gordon Matta-Clark constitui seu repertório formal de atuação, a série **Bronx Floors** (1972-73) pode ser considerada central, uma vez que nela ocorrem a primeira apropriação/superação das formulações *site-specific* e *non-site* de Robert Smithson, além de um direcionamento específico para o campo da arquitetura. Definidas pela extração e deslocamento de pedaços retangulares de edifícios abandonados, as peças de **Bronx Floors** se caracterizavam por sua dupla apresentação: um registro fotográfico do sítio do qual havia sido extraída era contrastado pelo deslocamento da peça de seu local de origem para o interior de um espaço expositivo. O confronto entre imagens e fragmentos dos edifícios revelava, por sua vez, uma série de dimensões da vida urbana flagrantes nas especificidades materiais, características estruturais da seção ou estado de deterioração.

Ao elaborar recortes em diferentes partes do edifício, Matta-Clark construía uma nova ligação entre espacialidades distintas, explicitando estruturas sociais e espaciais que se mantinham veladas. Dessa maneira, formas de organização e de segmentação do espaço eram ao mesmo tempo interligadas e reveladas à percepção do público. Exemplos marcantes são os cortes feitos próximos às portas e janelas, relacionando intervenção e preexistência e relativizando a dimensão funcional das aberturas do edifício ao dotá-las de novas possibilidades de leitura e de compreensão.

Cabe ressaltar a importância da dimensão fenomenológica das peças expostas, bem como de sua tradução em registros fotográficos. No caso, um tipo tradicional de habitação urbana se tornava objeto de leitura crítica através do qual o público refletia sobre as formas do sujeito e de seu corpo se relacionarem com o ambiente. Os recortes que possibilitavam a conexão visual entre espaços distintos alteravam também a percepção sobre o modo habitual de interagir com o meio. Conexões visuais entre ambientes internos e externos, ou mesmo a invasão de características destes últimos (a presença da cidade), muitas vezes rompiam com a sensação de segurança e separação promovida pela construção. Os cortes levavam o público a obter uma percepção, ora totalitária, ora fragmentada, destes espaços.

No limite, ao apresentar outras formas de ler, compreender e interagir com o ambiente, Matta-Clark também criava, através de seus recortes, uma abertura para se pensar novas formas de criar, organizar e ocupar os espaços. A cada novo recorte, características físicas (dimensão, organização, segmentação, relações e limites) tensionavam ainda mais as predefinições do domínio privado do edifício e de suas relações com o domínio público. Consequentemente, a descoberta de novas possibilidades de questionamento redimensionou suas primeiras experiências: recortes e deslocamentos passam a ser explorados segundo as perspectivas da relativização da conformação espacial. Indiretamente, Matta-Clark elaborava uma crítica aos processos de naturalização dos espaços existentes na cidade, incluindo o comportamento do público.

A partir de trabalhos desenvolvidos no interior dos edifícios e de sua consequente relação com o ambiente externo, Matta-Clark passa também a se interessar pelas alterações urbanas ocorridas em grandes cidades como Nova York. A obra **Splitting** (1974), realizada em Englewood, Nova Jersey, mostra a ação do artista sobre uma área paradigmática dos processos de reconfiguração urbana. Realizando um corte em uma residência típica dos subúrbios norte-americanos, prestes a ser demolida, Matta-Clark buscava transformar um objeto arquitetônico aparentemente banal em um espaço passível de novas interpretações, gerando leituras e reflexões não somente sobre a produção em massa de habitações nesses lugares, como também sobre a própria sociedade norte-americana. **Splitting** consistia na execução de duas

ações fundamentais e complementares entre si: a primeira, definida por um corte vertical simétrico no centro da residência, executado com o intuito de separá-la em duas partes praticamente iguais; e o segundo, um sutil deslocamento horizontal de sua fundação, ampliando o efeito causado pelo corte.

Uma vez mais, o corte levava o visitante a perceber fenomenologicamente o exterior agindo no interior da casa. Ao se deslocar para a segunda parte, desde a primeira, mantida na posição original, o público passava a perceber a inclinação provocada pela alteração das fundações, desestabilizando a sensação de equilíbrio, segurança e proteção advindas da ideia tradicional de um “lar”. Na região inclinada, o corpo encontrava-se em suspensão, literalmente rompendo a relação convencional entre corpo e espaço mantida pela arquitetura produzida em seu tempo. Consequentemente, as formas, convenções e valores que a definiam também eram desestabilizadas.

A ação de Matta-Clark sobre a residência pode ser compreendida como uma ruptura física e simbólica no objeto que concentra toda a carga de identidade de um modo de vida suburbano. Ao realizar uma cisão em sua região central, o artista não apenas rompe os limites físicos que separam ambientes interno e externo (o espaço íntimo e privado e o espaço público) como também fissa as dimensões simbólicas que estes limites possuem: através da fenda aberta pelo artista, como que em um golpe, a ideia de tradição, segurança e demais valores que constituem a instituição familiar percebem-se devassadas.

Outro aspecto bastante representativo de **Splitting** contribui para amplificar esta leitura. Muitas vezes tido como secundário (quando não excluído como parte do trabalho), o deslocamento do público até a residência, em outras palavras, a transição entre a região central de Nova York e a cidade dormitório de Englewood dava a dimensão dos processos de transformação que a cidade vinha sofrendo. A ação sobre uma casa a ser demolida, somada às variações da paisagem no percurso, chamava a atenção para o processo de definhamento das regiões periféricas através do avanço dos processos de especulação imobiliária.

Não por menos, **Conical Intersect** produzia no ano seguinte a **Splitting**, em 1975, foi uma das intervenções em que a atuação Matta-Clark derivou do ambiente urbano como tema e suporte, incorporando as contradições sociais, políticas e culturais, assim como as complexas relações entre estas dimensões. Por meio de suas intervenções, o artista direcionava a atenção do público para locais considerados “residuais”. Além de transformá-los em meios de experimentação plástica, sua intervenção nesses espaços passava a revelar os mecanismos responsáveis por suas conformações.

Explorando a relação entre público e contexto, o artista elaborou **Conical Intersect**; concebido para a Bienal de Paris daquele mesmo ano, Matta-Clark interveio sobre duas residências do século XVII presentes na rua Beaubourg e que seriam demolidas, devido à reorganização do desenho urbano da região para a construção do novo centro de artes George Pompidou. Com o objetivo de revelar os impactos gerados sobre o contexto local do empreendimento, Matta Clark resolveu estabelecer uma conexão visual entre a rua e o contraste existente entre as espacialidades, temporalidades, ocupações e escalas distintas, presentes tanto nas casas quanto no centro em construção. A execução formal do trabalho se deu através da abertura na fachada das residências, de modo que o seu interior pudesse ser completamente exposto para o público. O formato de um cone perspectivado executado no corte resultava de duas esferas virtuais de diâmetro variável de quatro e dois metros, que passavam a atravessar os cômodos e o telhado da residência, chegando a abrir visão para o novo empreendimento ao fundo.

A intervenção gerava uma complexa espacialidade que evidenciava o contraste entre a configuração interna da residência e do novo Pompidou. As fotos e vídeos elaborados no interior das residências revelam a transfiguração provocada pelo complexo processo de corte. De fato, a ação artística de Matta-Clark reconfigurou espacialmente o edifício, porém, é através da extração que o artista se tornou capaz de ligar duas temporalidades tão distintas quanto aquelas das arquiteturas em questão, levantando a reflexão sobre a escala e forma pelas quais o contexto estava sendo modificado, além do papel desempenhado pelos habitantes da cidade no direcionamento e processos de transformação do ambiente urbano.

No contraste entre historicidades distintas, marcadas pela variação espacial, material e formal, destaca-se um elo visual e discursivo. Os agentes atuantes e os interesses que levaram a consolidação e construção do novo centro de artes eram os mesmos agentes e interesses responsáveis pela alteração radical do contexto e a demolição de parte considerável de Paris. Ao explicitar a oposição entre o “histórico” e o “novo”, o artista buscava mais uma vez dialogar com a memória do público, seu conhecimento sobre a cidade, simultaneamente propondo formas alternativas de intervenção frente aos processos vigentes.

A urgência de se pensar os processos físicos e discursivos subjacentes aos processos de transformação do espaço urbano, que passa também por novas maneiras de pensar a arquitetura e seu impacto sobre a percepção, o comportamento e a experiência dos indivíduos, são os termos que inevitavelmente enfrentamos quando também analisamos os trabalhos mais paradigmáticos da relação de Dan Graham com a arquitetura e a cidade. Resta, no entanto, explorar as diferenças da natureza de ação e do olhar direcionado pelos artistas para, ao final, recuperarmos e alinharmos os pontos de um contundente debate arquitetônico e urbano.

Homes for America (1965), Video Projection Outside Home (1978-96) e Alterations to a Suburban House (1978): códigos arquitetônicos *versus* códigos sociais.

Em 1966, Dan Graham estreava no cenário artístico com a publicação de sua “obra/artigo” intitulada **Homes for America**, na qual justapunha uma série de fotografias do cotidiano suburbano de Nova Jersey a um texto descritivo sobre o funcionamento da prática comercial de produção de habitação em massa – que naquele momento transformava profundamente o território e a paisagem urbana do país.

Na programação visual deste “artigo”, salta aos olhos a predominância de uma malha estrutural responsável por distribuir os blocos geometricamente delimitados de imagens e de parágrafos de texto. Uma ordem formal que reincide sobre seus

próprios códigos linguísticos: as residências suburbanas são apresentadas enfatizando traços da **Gestalt Zero**, como a seriação e o uso de formas elementares; os textos replicam o tom neutro e objetivo predominante na imprensa especializada daqueles anos para complementar a leitura do sistema de organização e distribuição dos elementos arquitetônicos nestes empreendimentos.

Dessa forma, a relação entre imagens e textos fazia ecoar a lógica do “desenvolvimento de pré-fabricação do *real estate*” (Colomina; Pelzer, 2000: 38). Ao empregar o distanciamento, a objetividade e a recusa taxativa de expressividade, fundamentais para a emergente arte minimalista, Graham representava uma realidade social que, por trás de sua aparência de “estilo vernacular”, compartilhava os mesmos códigos estéticos. No limite, o vínculo inusitado entre o minimalismo e o fenômeno dos subúrbios demonstrava como a arte de ponta norte-americana, “estava relacionada com uma situação social real que poderia ser documentada” (Alberro; Stinson, 1999: 185).

Poderíamos aproximar este vínculo ao conceito de “confinamento cultural” discutido por Robert Smithson em um texto homônimo escrito em 1972 (Smithson, 1972 apud Alberro; Stinson, 1999: 280-283). No texto, Smithson questionava como a interiorização dos discursos sobre a arte, por parte dos próprios artistas, provocava um confinamento de suas ações dentro dos limites definidos pelo circuito de arte. Para o artista, o espaço expositivo exercia neste contexto uma poderosa influência sobre a produção de arte, destacando para esta “função” o papel do curador, do crítico de arte e do interior arquitetônico neutro, abstrato e isolado do mundo exterior. Graham, assim como Smithson, recobrou a relação entre o suposto domínio puro e absoluto da linguagem – o formalismo literal dos objetos minimalistas – com uma realidade social e também material – o “mundo físico”, segundo Smithson (Smithson, 1972 apud Alberro; Stinson, 1999: 280). E, ao fazê-lo, também desestabilizou a crença sobre o contexto institucional da arte, relativizando o princípio de autonomia ao escancarar a relação do mundo exterior com os códigos e as convenções engendradas pelo marco de referência definido pelos museus, galerias e seus espaços complementares.

Não é de surpreender que Smithson viesse a demonstrar profundo interesse pela produção de Dan Graham. Em **Homes for America**, diz, “Graham consegue ‘ler’ a linguagem dos edifícios”, destacando como “as casas ‘em bloco’ dos subúrbios dos pós-guerra comunicam suas mortas ‘paisagens’ ou ‘sítios’ à maneira da permutação linguística” (Smithson apud Kitnick, 2011, 20). Mais do que uma comparação superficial entre universos mantidos estanques (minimalismo e subúrbio), Smithson atenta para o fato de que Graham explicitou os mecanismos provenientes da produção industrial fabricando “identidades” para convertê-las em imensas paisagens urbanas: o texto do artigo demonstra como os empreendedores ofereciam às famílias algumas categorias de “gostos arquitetônicos” (residências de estilos populares da cultura estadunidense) e de “estilos de vida” (números de quartos, tamanhos dos espaços privados e de convivência). Estas famílias deveriam escolher os padrões que melhor as representavam e, posteriormente, um sistema estatístico de combinatória iria decidir o local de implantação da residência. Nestes termos, o “estilo de vida” de uma imensa parcela da população tornava-se produto de uma combinatória (de inclusão e/ou exclusão) de alguns elementos oferecidos pela indústria.

Este viés fundamentalmente crítico sobre uma espécie de “construção” do comportamento e da experiência urbana, ao mesmo tempo privada e pública, contida de forma latente em **Homes for America**, foi expandida em propostas de intervenções em situações urbanas concebidas já ao final da década de 1970.

Duas destas propostas, intituladas **Alterations to a Suburban House** (1978) e **Video Projection Outside Home** (1978-96), são marcantes, sobretudo por representarem um aprofundamento de sua crítica através de questionamentos particulares ao pensamento e à prática da arquitetura e do urbanismo.

Em relação à primeira proposta, **Video Projection Outside Home**, originalmente concebida em 1978, mas somente realizada em 1996, Graham instalou no exterior de uma típica residência suburbana, no jardim voltado para a rua, um enorme aparelho televisor que transmite em tempo real o conteúdo assistido pelos moradores. Trata-se de uma operação responsável por provocar uma exposição pública de algo

praticado na intimidade do lar. Graham demonstra como o dispositivo da televisão é capaz de controlar, de maneira centralizada, a produção e a circulação de conteúdos midiáticos. Tal como o artista escreveu em **Essay on Video, Architecture and Televison** (1978), a massificação e a expansão do sistema de televisão representam “uma imposição assimétrica da informação pelo capital” através da instalação de verdadeiros terminais que decidem o que e como será visto (e consumido) no interior das residências (Graham, 1979 apud Alberro, 1999, 52).

Esta percepção do artista amplifica a inserção de sua crítica e a experiência proporcionada pela contemplação de uma forma socialmente construída de intimidade: ela é ao mesmo tempo alheia e pessoalmente partilhada. Sua intervenção põe em questão uma relação problemática entre as esferas pública e privada na vida cotidiana, sobretudo no que tange a como uma série de dispositivos aparentemente banais, como o caso da televisão, teriam o poder de construir laços afetivos e de identificação pessoal com estes conteúdos. Ao atentarmos para os programas e anúncios “expostos” pela intervenção de **Video Piece Outside Home**, refletimos sobre nossa própria identidade ao dar-nos conta de como fatores exteriores estão pautando nossa experiência íntima, isto é, daquilo que nos é tido como verdadeiro e real.

Esta é a problemática enfrentada mais incisivamente pelo artista em **Alterations to a Suburban House**. Realizada somente enquanto um modelo, esta proposta de intervenção apresenta um recorte de um típico bairro suburbano estadunidense, dispondo três residências de arquitetura similares às retratadas por **Homes for America** e implantadas regularmente em meio aos jardins de suas respectivas propriedades. Em uma dessas residências, separada das outras duas vizinhas por uma rua, observamos dois conjuntos de alterações: a fachada frontal em alvenaria é substituída por um imenso pano de vidro, abrindo para a rua a visão da sala de estar como algo semelhante a uma vitrine; ao mesmo tempo, um espelho instalado na parede posterior desta mesma sala, paralela ao plano de vidro, traz para dentro da intimidade do lar a presença do espaço externo.

Os efeitos de enquadramento e de visualização proporcionadas por esta proposta indagam, por um lado, a integração dos espaços interno e externo definidas pela forma arquitetônica específica das residências suburbanas. No limite, estes efeitos provocam uma tensão sobre as noções de exposição pública e privada ou inclusão e exclusão, pondo mais uma vez em questão o “estilo de vida” dos subúrbios norte-americanos. O plano que a princípio encerrava o ambiente funciona analogamente à função/conceito da janela, isto é, uma abertura que estabelece os níveis socialmente aceitos de relação entre “público” e “privado” e com a sociedade/cidade/paisagem. Graham interferia na interface da residência com a rua, em outras palavras, entre o domínio privado cultural e socialmente definido pela intimidade doméstica e o domínio público compreendido pelo seu contexto urbano imediato: a privacidade configurada pela opacidade de planos, paredes e fachadas são revertidas em máxima exposição pela transparência e reflexão do vidro e do espelho. Dessa forma, a residência metamorfoseia-se em uma vitrine expondo um estado social e cultural da experiência e do comportamento urbano.²

Em última análise, as operações realizadas em **Alterations to a Suburban House** podem ser entendidas como uma estratégia de inserção, sobre o espaço urbano, do universo de questões que envolvem a relação entre o público (dessa vez, habitante da cidade), os objetos e os meios com que se confronta, além do próprio espaço onde estes se inserem. Mais do que isso, entre **Homes for America** e **Alterations to a Suburban House** destaca-se como a coexistência conflitiva de diferentes significados ou sentidos, assim como a multiplicidade de leituras que um mesmo objeto pode conter, são capazes de expor para o público o próprio processo (ou fenômeno) de codificação ou de significação. Ao desestabilizar algumas das convenções que regem tanto a construção e a experiência dos espaços, Graham acaba por revelar alguns significados implícitos de determinados componentes arquitetônicos (a janela, a fachada, a vitrine ou mesmo a tipologia arquitetônica da residência suburbana) enquanto elementos mediadores e simbólicos entre os limites que são de ordem espacial (dentro e fora), mas, sobretudo, social (privacidade e publicidade; identidade e comportamento) (Pelzer apud Colomina; Pelzer, 2000: 57).

Na esteira de sua crítica ao circuito institucional da arte, às convenções e aos espaços que normatizavam e diferenciavam a “arte” da “não-arte”, interessava a Graham não somente a denúncia do viés ideológico por trás dos objetos e dos espaços construídos, mas explicitar a indução de comportamento no público. Suas propostas buscam expor o próprio processo de constituição dos significados políticos, ideológicos, culturais e/ou históricos através dos elementos que conformam o espaço, na tentativa de levar o próprio público a se perceber parte de uma realidade de complexas camadas ideológicas.

De diferentes formas, os códigos arquitetônicos estão diretamente relacionados com os códigos sociais. Os questionamentos de Graham apontam para as possibilidades de redimensionar os termos dessa relação, podendo não apenas fabricar respostas espaciais a um dado contexto social, mas provocar tensões sobre ele.

À guisa de conclusão: unindo as pontas de um debate arquitetônico e urbano

Para além das aproximações mais evidentes entre Gordon Matta-Clark e Dan Graham – como a tomada da arquitetura residencial dos subúrbios americanos como ponto de partida para suas críticas, chegando até mesmo a procedimentos formais bastante similares, como os “recortes” nas superfícies do edifício e a “remoção” de sua fachada –, foi possível identificar entre os trabalhos analisados determinados conjuntos de questionamentos bastante incisivos em relação aos significados implícitos à construção destes e de outros espaços constitutivos do cotidiano urbano contemporâneo e que, pela densidade e potência crítica que apresentam, exigem maior atenção neste momento.

Vimos, por um lado, como desde os primeiros trabalhos ao explorar relações espaciais por meio do corte, Matta-Clark desenvolveu um repertório formal bastante particular de atuação. Partindo de intervenções pontuais que tinham como objetivo a relação visual entre dois espaços distintos, gradativamente o artista passou a estabelecer vínculos entre os recortes e os elementos constitutivos do espaço, chegando a evidenciar suas dimensões discursivas e contextuais. Se, em trabalhos

como **Bronx Floors**, o artista ainda se concentrava nas relações entre os elementos que compõem a arquitetura na perspectiva e escala interna do espaço, em **Splitting** essas relações não só foram mantidas como a escala passou a ser a do edifício e suas relações com o contexto urbano. O ato de segmentar a residência evidenciava a forma pela qual o artista passava a se relacionar com a arquitetura: o edifício se tornava um objeto passível de intervenção e adição de significados, enquanto seu contexto passava a ser fundamental para definir a intervenção.

Os trabalhos de Matta-Clark, elaborados na escala urbana, criaram fissuras sobre o consolidado conceito da cidade moderna. Através deles, a cidade se apresenta como um território múltiplo, fragmentado e demarcado por constantes disputas. As relações estabelecidas por suas intervenções entre a arquitetura e seu contexto amplificaram os modos de ação do repertório formal de Matta-Clark desenvolvidos nos primeiros trabalhos, permitindo lidar com as dimensões discursivas subjacentes à construção dos espaços. Partindo de intervenções que buscavam ligar ambientes isolados com as características externas, alterando assim a percepção destes limites, gradativamente o artista direcionou seu questionamento sobre o papel do público frente às grandes transformações da cidade. Em **Conical Intersect**, por exemplo, Matta-Clark explicitou a distância existente entre os processos de transformação urbana e a posição do público frente a esses acontecimentos. Dentre os principais questionamentos levantados pelo artista, temos o modo como a questão era enfrentada pelos agentes detentores do poder: como parte do ciclo mercantil como qualquer outro produto do sistema capitalista.

Aqui reside com maior força o ponto de contato entre a natureza da crítica feita por Matta-Clark e por Dan Graham e que permitem delinear um debate específico com os discursos da arquitetura e do urbanismo. A transformação do espaço construído, incluindo a arquitetura e a cidade, como produto de um sistema produtivo industrial é, como visto, questão central no “conteúdo” da obra/artigo **Homes for America**, de Dan Graham. Curiosamente, a maneira como o artista posteriormente amplificou sua crítica em propostas de intervenção como **Video Projection Outside Home** e **Alterations to a Suburban House** enfocaram o impacto deste modo de produção do espaço sobre a experiência e o comportamento social de seus habitantes, públicos ou

usuários. Em última instância, seus trabalhos demonstram como dispositivos espaciais e/ou arquitetônicos estabelecem formas, mecanismos e procedimentos de poder na cidade: entre os indivíduos e os produtos e discursos a que estão cotidianamente submetidos (o conteúdo midiático, o “estilo de vida” suburbano) e mesmo entre os microgrupos sociais estabelecidos através destes mesmos dispositivos (interior e exterior, público e privado, ver e ser visto).

É neste sentido em que as pesquisas de Gordon Matta-Clark e Dan Graham continuam oferecendo um campo fértil para a arte, a arquitetura e a cidade, uma vez que suas propostas ajudaram a reunir um novo repertório de questões para se pensar a produção do espaço. Dentre eles, podemos destacar, já ao final, a urgência de novas formas de ação e de participação social; a importância do distanciamento crítico diante de processos de construção da cidade e do comportamento de seu “público” – este, um espectador, uma audiência, um usuário ou ainda um cidadão; e a consequente atenção dada por ambos artistas para os processos históricos, as camadas de significados simbólicos e ideológicos, bem como a complexa relação entre cultura e produção material que estão a todo momento constituindo a percepção e a experiência urbana.

Referências

ALBERRO, A. (ed.) *Two-Way Mirror Power: Selected Writings by Dan Graham on His Art*. Cambridge: The MIT Press, 1999.

ALBERRO; STIMSON. (ed.). *Conceptual Art: A Critical Anthology*. Cambridge: The MIT Press, 1999.

COLOMINA; FRANCIS; PELZER (org.). *Dan Graham*. Londres: Phaidon, 2000.

FOSTER, H. *O retorno do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GRAHAM, Dan. Gordon Matta-Clark. *Kunstforum International*, October/November, 1985, pp.114-119. In: DISERENS, Corinne (ed.) et al. *Gordon Matta-Clark*. Londres: Phaidon Press Limited, 2003, pp. 199-203.

KWON, M. *One Place After Another: Site-specific Art and Locational Identity*. Cambridge: The MIT Press, 2002.

LEE, Pamela M. *Object To Be Destroyed: The Work of Gordon Matta-Clark*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

WALKER, Stephen. *Gordon Matta-Clark: Art, Architecture and Attack of Modernism*. Londres/ Nova York: I. B. Tauris, 2009.

Notas

¹ Ver GRAHAM, Dan. Gordon Matta-Clark, 1985, pp.114-119. In: DISERENS, Corinne (ed) et al. **Gordon Matta-Clark**. Londres: Phaidon Press Limited, 2003, pp. 199-203.

² Prefiguração do *Big Brother*, da intimidade permeada pela internet, a “publicização” do privado como forma de afirmação do indivíduo: subjetividades produzidas em confronto com a produção industrial, as novas mídias, entre outras formas de produção atualmente desenvolvidas.